



BOLETIM TÉCNICO DO CEEA

Centro de economia e estatística aplicada - CEEA

EDITORIAL

Nº7

MARÇO / 16

O 7º NÚMERO DO *BOLETIM TÉCNICO DO CENTRO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA APLICADA* - CEEA, JÁ ESTÁ NA MÃO!

Estamos lançando, o 7º número do **Boletim Técnico do Centro de Economia e Estatística Aplicada – CEEA**. Essa edição contém informações da conjuntura econômica nacional e dos principais indicadores econômicos, de mercado e cotações, como: câmbio, inflação, juros, emprego, entre outros. Traz ainda um panorama da indústria, da indústria da construção civil e do setor de material de construção.

O **CEEA** é resultante do Projeto de pesquisa de preços, financiado com recursos do **edital do ProPIC 2015/16**, visando produzir um índice de inflação, designado IPC/FUMEC. Esse Índice indicará a evolução do custo de vida ou padrão de vida das famílias de alunos, funcionários e professores da Faculdade de Engenharia e Arquitetura, da Universidade FUMEC.

APRESENTAÇÃO

Nessa edição, o **Boletim Técnico do CEEA** traz uma análise atualizada da conjuntura econômica brasileira, considerando os principais indicadores econômicos, de mercado e cotações. A vida vai continuar difícil para os brasileiros em 2016. A atividade econômica no Brasil ainda não se estabilizou. A economia vem recuando acentuadamente nesse início de ano. Os primeiros sinais são de contração no primeiro trimestre de 2016. Espera-se retração da produção industrial e do varejo. Ademais, os estoques na indústria permanecem em alto patamar. Os fundamentos da economia indicam um cenário difícil à frente, com tendência ascendente do desemprego e queda na massa salarial real, o que deve continuar a reduzir o consumo das famílias. A retração no investimento deve permanecer devido à baixa confiança dos empresários. Em suma, os indicadores e fundamentos continuam apontando para novas contrações do PIB nos próximos trimestres. Por outro lado, se o Brasil não estivesse atolado em uma crise política de imensa e delicada proporção, a equipe econômica em geral e o Banco Central estariam reservando fogos para comemorações. Confirmada a inflação de fevereiro 0,90% que ficou abaixo da taxa de 1,27% de janeiro, decorrente da alta um pouco mais branda dos alimentos e bebidas, o Índice de inflação calculada em doze meses deverá ceder de 10,71% para 10,45%. Ainda não é a hora do champanhe, mas em março essa medida de inflação deve deixar os dois dígitos pela primeira vez desde outubro de 2015.

Expediente

*Boletim Técnico do
Centro Economia e
Estatística Aplicada -
CEEA*

*Produção:
Equipe de pesquisa de
preços do CEEA*

*Equipe:
Editor/Coordenador:
Prof. José Henrique da
Silva Júnior*

*Colaboraram nesse
número:
Profª. Ana Paula
Venturini*

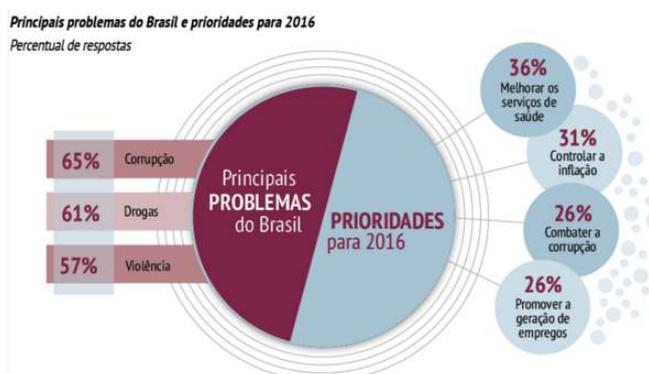
*Bolsista: Maria
Eduarda, Caio Pires*

*Voluntária: Caroline
Maia*

A CONJUNTURA ECONÔMICA

Os primeiros indicadores coincidentes de atividade (vendas de veículos e demanda por energia) caíram em janeiro. Os estoques na indústria continuam altos. Adicionalmente, o índice de PIB mensal da Itaú/BBA sugere uma herança estatística negativa para o 1º trimestre de 2016. Diante desse cenário, projeta-se agora que o PIB recue 1,1% no primeiro trimestre. Dessa forma, se o PIB permanecer estável a partir do segundo trimestre, a queda no ano já atingiria 3,6%.

A corrupção e a crise econômica (em seus reflexos na inflação e desemprego) aparecem com destaque entre os principais problemas do Brasil e as prioridades para 2016, de acordo com a população. Entre as ações prioritárias para 2016, a melhoria dos serviços de saúde se mantém em primeiro lugar. Combate à inflação é a segunda prioridade e promover a geração de empregos a terceira, empatada com combater a corrupção.



INFLAÇÃO

A inflação oficial perdeu força. Segundo o IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA do mês de fevereiro apresentou variação de 0,90% e ficou abaixo da taxa de 1,27% de janeiro em 0,37 ponto percentual (p.p.). Considerando os dois primeiros meses do ano, o índice situa-se em 2,18%, percentual inferior aos 2,48% registrados em igual período de 2015. Na ótica dos últimos doze meses, a taxa foi 10,36%, menos do que os 10,71% dos doze meses imediatamente anteriores. Em fevereiro de 2015 o IPCA situou-se em 1,22%.

Segundo o IBGE, considerando os nove grupos de produtos e serviços pesquisados, a mais elevada variação ficou com Educação, que atingiu 5,90%, refletindo os reajustes praticados no início do ano letivo, especialmente nos valores das mensalidades dos cursos regulares, que subiram 7,43%, constituindo-se no item de maior contribuição no mês, com 0,21 p.p..

Grupo	Variação (%)	
	Janeiro	Fevereiro
Índice Geral	1,27	0,90
Alimentação e Bebidas	2,28	1,06
Habitação	0,81	-0,15
Artigos de Residência	0,45	1,01
Vestuário	-0,24	0,24
Transportes	1,77	0,62
Saúde e Cuidados Pessoais	0,81	0,94
Despesas Pessoais	1,19	0,77
Educação	0,31	5,90
Comunicação	0,22	0,66

Fonte: IBGE

Veja no quadro abaixo, a variação mensal do IPCA:



Fonte: Valor econômico

Veja no quadro abaixo, a variação por grupo de alimentos:



Fonte: Valor econômico

Veja abaixo os resultados de janeiro da inflação, por região pesquisada:

Região	Peso Regional (%)	Variação (%)		Variação Acumulada (%)	
		Janeiro	Fevereiro	Ano	12 meses
Salvador	7,35	1,69	1,41	3,13	10,47
Recife	5,05	1,32	1,29	2,62	10,58
Belém	4,65	1,06	1,11	2,18	10,02
Belo Horizonte	10,86	1,19	0,99	2,19	9,24
Porto Alegre	8,40	1,56	0,97	2,55	11,45
Curitiba	7,79	0,73	0,83	1,56	11,71
São Paulo	30,67	1,10	0,82	1,92	10,19
Goiânia	3,59	1,20	0,81	2,02	10,40
Fortaleza	3,49	1,45	0,80	2,26	11,82
Brasília	2,80	0,93	0,69	1,62	9,95
Rio de Janeiro	12,06	1,82	0,68	2,52	10,08
Campo Grande	1,51	1,38	0,54	1,93	9,79
Vitória	1,78	1,15	0,28	1,43	8,94
Brasil	100,00	0,96	0,90	2,18	10,36

Fonte: IBGE

A região metropolitana de Salvador registrou a maior taxa de inflação em fevereiro, de 1,41%. De acordo com o IBGE, destacam-se a alta de 2,55% nos preços dos alimentos. A menor taxa foi registrada na região metropolitana de Vitória, de 0,28%, onde os alimentos tiveram alta de 0,36%, bem abaixo da média nacional (1,06%).

ATIVIDADE ECONÔMICA

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro teve retração de 3,8% em 2015, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trata-se do pior resultado para a economia nacional desde o recuo de 4,3% registrada em 1990. No quarto trimestre do ano passado, o PIB brasileiro caiu 1,4%, sobre o terceiro, feitos os ajustes sazonais. No quarto trimestre do ano passado, o PIB brasileiro caiu 1,4%, sobre o terceiro, feitos os ajustes sazonais. Na comparação com o mesmo período em 2014, houve forte queda de 5,9%.

O ano começa marcado por graves problemas fiscais e políticos que abalaram a confiança do consumidores e empresários. O desemprego está subindo assim como a inflação. O país caminha para uma de suas mais longas recessões já documentadas. A previsão de economistas é que a economia recue novamente neste ano. A última vez que o PIB encolheu por dois anos seguidos foi no biênio 1930/1931, quando a economia global passava por crise severa após a quebra da Bolsa de Nova York. Um período de três anos de contração nunca ocorreu.

EMPREGO

O desemprego em janeiro foi de 7,6%, a maior taxa para o mês desde 2009, quando tinha sido de 8,2%, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A taxa subiu 0,7 ponto percentual na comparação com dezembro (**6,9%**). Em relação a janeiro de 2015 (5,3%), a alta foi de 2,3 pontos percentuais. Para o mês de janeiro, a taxa é a mais alta desde 2009, quando chegou a 8,2%.

Segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), houve destruição de 100 mil empregos formais em janeiro, ou 90 mil em termos dessazonalizados. A taxa de desemprego medida pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) caiu no mês (de 8,1% a 7,8% pelos dados ajustados sazonalmente), mas a queda foi devida à redução na taxa de participação, que atingiu o menor nível desde 2002. Os salários seguem em queda.

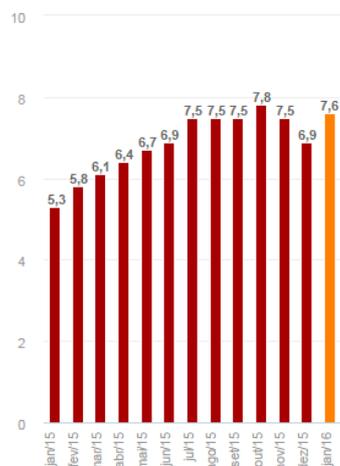
A pesquisa divulgada indicou que o desemprego em janeiro subiu em todas as regiões pesquisadas, na comparação com o mesmo mês de 2015:

1. **Salvador:** de 9,6% para 11,8%;
2. **Recife:** de 6,7% para 10,5%;
3. **São Paulo:** de 5,7% para 8,1%;
4. **Belo Horizonte:** de 4,1% para 6,9%;
5. **Porto Alegre:** de 3,8% para 5,9%;
6. **Rio de Janeiro:** de 3,6% para 5,1%..

Em comparação com dezembro, o desemprego aumentou em duas regiões: São Paulo (de 7% para 8,1%) e Belo Horizonte (de 5,9% para 6,9%). Nas demais, ficou estável, segundo o IBGE. "Essa elevação da taxa agora em janeiro é um movimento esperado. A sabe-se que em dezembro, a cada ano, se costuma registrar a taxa mais baixa do ano, e na virada, essa taxa volta a crescer. "É um movimento que a gente também observou no passado, retrasado e ao longo de toda a série histórica", disse Adriana Beringuy, técnica de trabalho e rendimento do IBGE. No entanto, de acordo com a especialista, neste ano, "as intensidades são bem maiores" e o crescimento da inatividade impediu que a taxa de desemprego fosse ainda mais alta em janeiro.

DESEMPREGO DURANTE O ANO

em %



Entre dezembro e janeiro, o número de trabalhadores ficou estável em quase todos os setores. Tiveram queda apenas Educação, saúde, serviços sociais, administração pública, defesa e seguridade (-2,8%, ou 111 mil pessoas) e Serviços domésticos (-6,4%, ou 93 mil pessoas). Em relação a janeiro de 2015, o número caiu na Indústria (-8,5%, ou 298 mil pessoas) e em Outros serviços (-3,4%, ou 155 mil pessoas). Os demais setores não tiveram variação significativa, na análise do IBGE. A quantidade de trabalhadores da construção também teve queda no ano passado, com o corte de 20 mil pessoas, o representa uma variação negativa de 1,2% na comparação com 2014. No País, a taxa de desocupação ficou em 6,9% em dezembro de 2015, a maior já registrada para o mês desde 2007.

RENDA DO TRABALHADOR

A renda média dos trabalhadores do setor de construção foi a que mais caiu entre os setores da economia brasileira, passando de R\$ 2.136,87 em dezembro de 2014 para R\$ 1.925,30 no mesmo mês de 2015 (variação negativa de 9,9%). Os dados são da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada no final de fevereiro.

Atrás da construção, ficaram setores como indústria extrativa, de transformação e distribuição de eletricidade, gás e água (queda de 6,5%); serviços prestados à empresa, aluguéis, atividades imobiliárias e intermediação financeira (-6,4%); e comércio, reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos e comércio a varejo de combustíveis (-5,6%). Na média de todos os setores pesquisados, o recuo foi de 5,8%, com rendimento médio de R\$ 2.235,50.

CÂMBIO

Após subir quase 50% no ano passado e encerrar levemente abaixo de R\$ 4,00. Com as investigações ampliando o risco de impeachment da presidente Dilma, o dólar saiu do patamar de R\$ 4,00 para testar nível menor que R\$ 3,70 em menos de duas semanas. Mantido este cenário, sai de cena um dos vilões da inflação de dois dígitos de 2015, quando o real se desvalorizou 33%. Entretanto, a perspectiva do mercado financeiro para o câmbio este ano, foi mantida e espera-se uma alta para R\$ 4,25.

JUROS

O Comitê de Política Monetária do Banco Central do Brasil (Copom) manteve a taxa Selic em 14,25%, em linha com o esperado pelo mercado. Como nas reuniões anteriores, a decisão foi dividida, com dois membros votando por uma elevação de 0,50 p.p. Incertezas globais aumentaram e o Banco Central (BC) manteve os juros constantes, em 14,25%. As preocupações com o crescimento mundial levaram a uma piora nos mercados financeiros, o que vem preocupando os bancos centrais nos países desenvolvidos. Nesse ambiente, o Banco Central recuou de subir os juros e decidiu manter a taxa Selic, constante em sua reunião de janeiro. No comunicado que acompanhou a decisão, o BC mencionou a elevação das incertezas, “principalmente, externas”. A ata da reunião acrescentou que “nesse contexto de redução no nível de atividade, destaca-se a crescente preocupação com a economia chinesa e seus desdobramentos para outras economias”.

No entanto, à medida que a inflação em 12 meses comece a recuar e o cenário de recessão intensa em 2016 se consolide, acredita-se que o Copom optará por iniciar um processo de redução de juros. O contexto internacional mais incerto, e a tendência mais expansionista da política monetária global, especialmente entre as economias avançadas, reforçam este cenário.

Com a divulgação nessa semana do índice de inflação IPCA de fevereiro, que veio mais baixo que o esperado, realimentou discussões sobre a probabilidade de o Banco Central (BC) cortar a Selic ainda neste ano, em um cenário de recessão aguda. A leitura de que a taxa de câmbio não deverá ser tão inflacionária quando foi no ano passado e o noticiário político dão ainda mais gás ao ajuste de posições.

Segundo a ANEFAC - Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade, das seis linhas de crédito pesquisadas, todas tiveram suas taxas de juros elevadas no mês de fevereiro (juros do comércio, cartão de crédito rotativo, cheque especial, CDC-bancos-financiamento de veículos, empréstimo pessoal-bancos e empréstimo pessoal-financeiras). A taxa de juros para pessoa física, em fevereiro, comportou-se conforme quadro abaixo:

LINHA DE CRÉDITO	JANEIRO/2016		FEVEREIRO/2016		VARIÇÃO %	VARIÇÃO PONTOS PERCENTUAIS
	TAXA MÊS	TAXA ANO	TAXA MÊS	TAXA ANO		
Juros comércio	5,60%	92,29%	5,70%	94,49%	1,79%	0,10
Cartão de crédito	14,56%	410,97%	14,72%	419,60%	1,10%	0,16
Cheque especial	10,96%	248,34%	11,16%	255,94%	1,82%	0,20
CDC – bancos- financiamento de automóveis	2,30%	31,37%	2,32%	31,68%	0,87%	0,02
Empréstimo pessoal-bancos	4,47%	69,00%	4,53%	70,17%	1,34%	0,06
Empréstimo pessoal-financeiras	8,14%	155,76%	8,20%	157,47%	0,74%	0,06

No entender da ANEFAC, as taxas de juros das operações de crédito voltaram a ser elevadas em fevereiro/2016, sendo esta a segunda elevação no ano e décima sétima elevação consecutiva. Estas elevações podem ser atribuídas aos seguintes fatores: cenário econômico que aumenta o risco do crescimento nos índices de inadimplência e aumento das taxas de juros futuros por conta da turbulência política e econômica;

Segundo o site da Revista Exame, foram essas as melhores e piores aplicações financeiras no mês de Fevereiro:

IGP-M (estimativa do Banco Central)**	11,75%	Tesouro Prefixado 2017 (LTN)	1,09%
IPCA (estimativa do Banco Central)**	10,32%	Tesouro Prefixado com Juros Semestrais 2017 (NTN-F)	1,09%
Ouro BM&F	10,07%	Fundos Multimercados Juros e Moedas*	1,01%
Ibovespa	5,91%	Tesouro Selic 2017 (LFT)	0,98%
Fundos de Ações Indexados	3,86%	CDI*	0,94%
Tesouro IPCA+ 2035 (NTN-B Principal)	3,20%	Selic*	0,94%
Fundos de Investimentos Imobiliários (Ifix)	2,95%	Fundos Renda Fixa Simples	0,93%
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2035 (NTN-B)	2,46%	Fundos de Ações Investimento no Exterior	0,92%
Fundos Renda Fixa Investimento no Exterior	1,83%	Tesouro Selic 2021 (LFT)	0,80%
Tesouro Prefixado 2021 (LTN)	1,41%	Fundos Multimercados Macro*	0,79%
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2050 (NTN-B)	1,36%	Fundos de Ações Small Caps*	0,66%
Tesouro IPCA+ 2019 (NTN-B Principal)	1,19%	Poupança antiga*	0,65%
Fundos Renda Fixa Indexados*	1,19%	Poupança nova*	0,65%
Fundos de Ações Livre*	1,13%	Fundos Multimercados Investimento no Exterior	0,04%
Fundo de Ações Dividendos*	1,12%	Dólar comercial	-2,10%

DEFICIT PÚBLICO

A situação fiscal segue se agravando. A eventual estabilização da atividade e a resultante melhora da arrecadação não bastam para melhorar o superávit primário, pois existe uma tendência estrutural dos gastos obrigatórios crescerem mais que o PIB. Sem reformas que reduzam esses gastos, a dívida pública bruta deve seguir em tendência de alta.

Segundo a ITAU/BBA, a dívida pública e o déficit nominal seguem em alta. Para a Instituição, os resultados fiscais seguem em deterioração, devido à queda da receita e ao aumento das despesas obrigatórias, uma tendência que deve se manter no ano que vem. As contas públicas continuam sendo o núcleo do problema no Brasil. O déficit primário encerrou 2015 em 1,9% do PIB (0,9%, excluindo despesas em atraso), ante um déficit de 0,6% do PIB em 2014. Isso levou a revisão da projeção de resultado primário em 2016, de -1,4% para -1,5%, mas mantivemos a projeção de -2,0% para 2017.

INDÚSTRIA

Segundo a Confederação Nacional da Indústria, os primeiros números de 2016 sobre a indústria de transformação brasileira não ilustram nenhuma melhora significativa do quadro observado em 2015. O emprego, a massa salarial real e o rendimento médio real do trabalhador caíram, respectivamente, 0,8%, 2,0% e 0,9% entre dezembro de 2015 e janeiro de 2016 na série sem efeitos sazonais. O faturamento real e as horas trabalhadas aumentaram, respectivamente, 1,0% e 2,9% na mesma base de comparação. A ociosidade se manteve em alta, com a Utilização da Capacidade Instalada assinalando 75,9% em janeiro, na série livre de influências sazonais.

Entretanto, segundo a Itaú/BBA, a produção industrial surpreendeu positivamente com alta de 0,4% em janeiro. A alta foi disseminada entre as atividades (difusão de 62,5%). Apesar disso, a produção não se recuperou da queda de 0,5% do mês de dezembro. A baixa confiança dos empresários e o elevado nível de estoques tendem a restringir a produção industrial no curto prazo. Ademais, indicadores coincidentes sugerem queda acentuada da produção industrial

em fevereiro. Dessa forma, o cenário de fraqueza na indústria deve continuar nos próximos meses.

Segundo a fonte citada, para frente, os indicadores preliminares sugerem queda de 2,2% em fevereiro. A confiança recuou, os estoques seguem em alto patamar e o nível de utilização da capacidade instalada alcançou o mínimo histórico. Adicionalmente, a produção de veículos (Anfavea) teve contração de 12% (nosso ajuste sazonal). Caso confirmada, a queda de fevereiro manterá a tendência de contração na produção industrial como vista nos últimos meses.

INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO

Ainda segundo a CNI, a indústria da construção inicia 2016 como terminou o ano anterior, com queda intensa da atividade e do emprego. O nível de atividade permanece muito abaixo do usual para toda a indústria da construção. A utilização da capacidade de operação ficou em 56%: 1 ponto percentual (p.p.) acima de dezembro de 2015, mas 4 p.p. abaixo do registrado em janeiro de 2015 e 10 p.p. abaixo da média histórica do índice.

Um exemplo marcante refere-se a meta de contratações da terceira etapa do Minha Casa Minha Vida que foi reduzida de 3 milhões para cerca de 2 milhões de unidades até 2018, segundo citou a presidente Dilma Rousseff em discurso realizado na quarta-feira (3/2), durante entrega de unidades do programa habitacional na cidade de Indaiatuba (SP).

INVESTIMENTOS

Quanto aos investimentos no setor industrial, dados da CNI apontam que as persistentes dificuldades pelas quais atravessa a indústria continuam a afetar, cada vez mais, os investimentos. A proporção de empresas que investiu em 2015 - 74% das empresas - é a menor desde 2010, início da série histórica da pesquisa.

Mais da metade dessas empresas (58%) não cumpriram seus planos de investimento como planejado. A principal razão apontada para a frustração dos planos de investimento foi a incerteza econômica. As persistentes dificuldades pelas quais atravessa a indústria continuam a afetar, cada vez mais, os investimentos. A proporção de empresas que investiu em 2015 - 74% das empresas - é a menor desde 2010, início da série histórica da pesquisa.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Segundo a CNI, a indústria da construção encerrou 2015 com queda intensa e disseminada da atividade e do emprego. Os índices de evolução do nível de atividade e de número de empregados, comparados ao mês anterior, atingiram os menores níveis de suas séries. A elevada carga tributária, a alta taxa de juros e a demanda interna insuficiente têm prejudicado o segmento da construção.

O cenário adverso, aliado ao aumento do custo dos insumos, tem causado a insatisfação dos empresários com as condições financeiras e com a margem de lucro operacional. Além disso, as empresas têm tido dificuldade de acesso ao crédito. Para os próximos seis meses, as expectativas seguem pessimistas, em especial para empresas de grande porte, cujos indicadores de expectativa encontram-se muito abaixo dos demais portes.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

As vendas de materiais de construção no Brasil caíram 22,2 por cento em fevereiro sobre um ano antes, pressionadas pela recessão e por uma base de comparação mais forte, informou a Abramat - Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat) associação que representa o setor. Em relação a janeiro, as vendas de materiais no mês passado caíram 5,9 por cento, acumulando no bimestre queda de 20,7 por cento sobre o mesmo período de 2015.

A Abramat afirmou que as vendas no início do ano passado ainda apresentavam crescimento, com o mercado começando a recuar sensivelmente a partir de março. Além disso, o início deste ano está sendo marcado por fortes chuvas em várias regiões do país o que tem impactado obras e reformas, segundo a entidade.

"Mesmo assim a perspectiva para o ano continua negativa (...) A partir dos resultados de março iremos rever a atual previsão para 2016 feita ainda no ano passado", disse a Abramat. A associação estima por enquanto retração de 4,5 por cento nas vendas de 2016. O varejo de materiais segue afetado pela manutenção da crise econômica, que afeta renda dos consumidores, emprego e crédito.

Segundo a Abramat informou o faturamento total deflacionado das vendas de materiais de construção caiu 20,5% em janeiro ante o mesmo mês de 2015. Em relação a dezembro, porém, o número representou um aumento de 5%. Já nos últimos 12 meses (fevereiro de 2015 a janeiro de 2016) o recuo foi de 13,9% na comparação com o período anterior (fevereiro de 2014 a janeiro de 2015).

Os segmentos mais afetados pela diminuição do faturamento real do setor foram o do varejo e o das construtoras. Outros fatores que predominaram no segundo semestre de 2015 e que continuam nesse começo de ano, segundo a Abramat, são o medo do desemprego e da perda de renda pelas famílias e a falta de confiança dos empresários.

ESTATÍSTICAS

CUSTO DA CONSTRUÇÃO

ÍNDICE DA CONSTRUÇÃO CIVIL

De acordo com a apuração do IBGE, O Índice Nacional da Construção Civil (Sinapi) apresentou variação de 0,84% em fevereiro, ficando 0,29 ponto percentual acima da taxa de janeiro (0,55%). Os últimos doze meses foram para 6,55%, resultado acima dos 5,86% registrados nos doze meses imediatamente anteriores. Em fevereiro de 2015 o índice foi 0,18%. O custo nacional da construção, por metro quadrado, que em janeiro fechou em R\$ 968,70, em fevereiro subiu para R\$ 976,82, sendo R\$ 523,53 relativos aos materiais e R\$ 453,29 à mão de obra. A parcela dos materiais apresentou variação de 1,04%, e aumentou 0,64 pontos percentuais em relação ao mês de janeiro (0,40%). Já a parcela da mão de obra, apresentou variação de 0,60%, caindo 0,12 pontos percentuais em relação ao mês anterior (0,72%). Nos dois primeiros meses do ano os acumulados são 1,44% (materiais) e 1,32% (mão de obra), sendo que em doze meses ficaram em 4,88% (materiais) e 8,54% (mão de obra).

CUSTOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM MINAS GERAIS

De acordo com o Sinduscon/MG, os Custos Unitários Básicos de Construção (CUB/m²) apresentaram os seguintes valores em R\$/m², para fevereiro de 2016:

PROJETOS - PADRÃO RESIDENCIAIS

PADRÃO BAIXO		PADRÃO NORMAL		PADRÃO ALTO	
R-1	1.216,12	R-1	1.464,19	R-1	1.770,50
PP-4	1.109,61	PP-4	1.371,86	R-8	1.427,57
R-8	1.053,63	R-8	1.183,37	R-16	1.478,78
PIS	798,42	R-16	1.146,32		

PROJETOS - PADRÃO COMERCIAIS CAL (Comercial Andares Livres) e CSL (Comercial Salas e Lojas)

PADRÃO NORMAL		PADRÃO ALTO	
CAL-8	1.343,23	CAL-8	1.453,23
CSL-8	1.157,64	CSL-8	1.273,62
CSL-16	1.538,54	CSL-16	1.691,79

PROJETOS - PADRÃO GALPÃO INDUSTRIAL (GI) E RESIDÊNCIA POPULAR (RP1Q)

RP1Q	1.225,75
GI	630,11

Número Índice: Projeto-padrão R8-N (Fevereiro/2016)

Número índice: 176,094 (Base Fev/2007 = 100)
Variação Global: 0,49%

De acordo com o Sinduscon/MG, a composição do CUB/m² (Valores em R\$/m²) é a seguinte

Projetos-Padrão Residenciais - Baixo

Item	R1-B	PP-4-B	R8-B	PIS
Materiais	557,25	608,39	583,10	389,25
Mão de Obra	565,98	475,16	446,80	385,64
Despesas Administrativas	90,95	24,18	21,76	22,55
Equipamentos	1,94	1,88	1,97	0,98
Total	1.216,12	1.109,61	1.053,63	798,42

Projetos-Padrão Residenciais - Normal

Item	R1-N	PP-4-N	R8-N	R16-N
Materiais	600,30	580,98	515,12	510,10
Mão de Obra	778,35	688,45	618,37	594,60
Despesas Administrativas	85,40	102,40	47,24	39,10
Equipamentos	0,14	0,03	2,64	2,52
Total	1.464,19	1.371,86	1.183,37	1.146,32

Projetos-Padrão Residenciais - Alto

Item	R1-A	R8-A	R16-A
Materiais	845,07	715,35	691,99
Mão de Obra	844,53	654,03	734,69
Despesas Administrativas	80,73	55,70	48,32
Equipamentos	0,17	2,49	3,78
Total	1.770,50	1.427,57	1.478,78

Projetos-Padrão Comerciais - Normal

Item	CAL-8-N	CSL-8-N	CSL-16-N
Materiais	585,98	482,60	649,50
Mão de Obra	689,50	622,24	828,61
Despesas Administrativas	63,29	49,97	56,05
Equipamentos	4,46	2,83	4,38
Total	1.343,23	1.157,64	1.538,54

Projetos-Padrão Comerciais - Alto

Item	CAL-8-A	CSL-8-A	CSL-16-A
Materiais	689,38	581,18	779,23
Mão de Obra	696,09	639,62	852,16
Despesas Administrativas	63,30	49,97	56,05
Equipamentos	4,46	2,85	4,35
Total	1.453,23	1.273,62	1.691,79

Projeto-Padrão Residência Popular

Item	RP1Q
Materiais	480,88
Mão de Obra	742,39
Despesas Administrativas	0,00
Equipamentos	2,48
Total	1.225,75

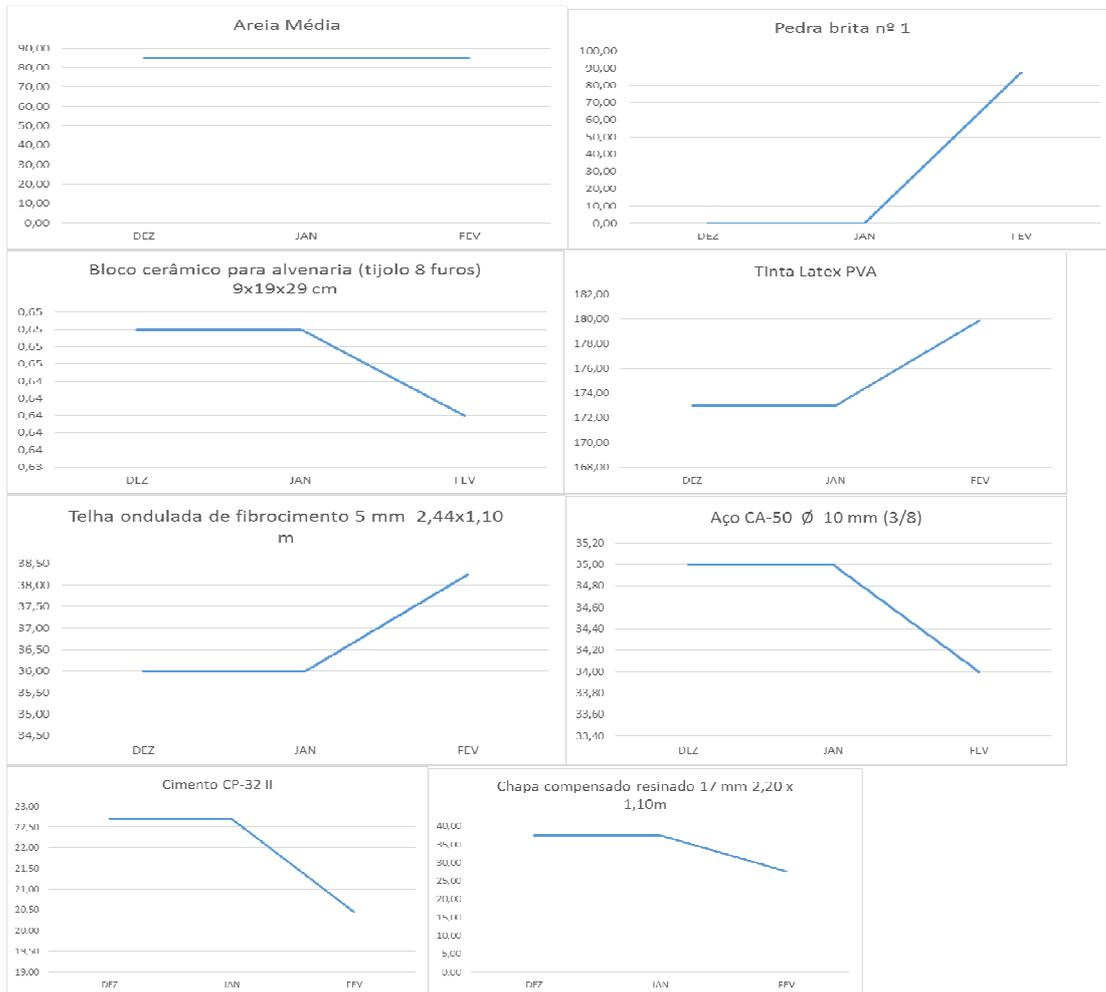
**PREÇO DO MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MÃO DE OBRA E ALUGUEL DE EQUIPAMENTO
EM BELO HORIZONTE**

BELO HORIZONTE Preço do material de construção, mão de obra e aluguel de equipamento em R\$1,00 - Fevereiro/2016			
ITEM	MATERIAL	UNIDADE	PREÇO
1	Aço CA-50 Ø 10 mm (3/8)	barra 12 m	34,00
2	Areia Média	m³	85,00
3	Bacia sanitária branca com caixa acoplada	unidade	227,00
4	Bloco cerâmico para alvenaria (tijolo 8 furos) 9x19x29 cm	unidade	0,64
5	Bloco de concreto sem função estrutural 19x19x39 cm (0,20)	unidade	2,22
6	Caibro	unidade	7,50
7	Caixa d'água, 500L	unidade	199,50
8	Caixa de inspeção para gordura	m	79,95
9	Caixa de Luz (4x2)	m	1,00
10	Caixa de Luz (4x4)	m	2,13
11	Caixa de passagem de pvc	unidade	78,50
12	Chapa compensado resinado 17 mm 2,20 x 1,10m	m²	27,62
13	Chuveiro (maxiducha)	unidade	42,60
14	Cimento CP-32 II	saco 50 kg	20,45
15	Concreto fck= 25 Mpa abatimento 5 +- 1 cm, brita 1 e 2 pré-dosado	m³	280,00
16	Conduíte 1/2"	unidade	0,62
17	Disjuntor tripolar 70 A	unidade	74,48
18	Emulsão asfáltica impermeabilizante - para laje (FRIO ASFALTO)	20 kg	145,95
19	Esquadria de correr 2,00 x 1,20 m, em 4 folhas (2 de correr), em alumínio anodizado	m²	374,50
20	Fechadura para porta interna, tipo IV (55 mm), em ferro, acabamento cromado.	unidade	38,00
21	Fio de Cobre anti- chama, isolamento 750, # 2,5 mm²	100 m	105,00
22	Impermeabilizante para fundação	Kg	59,90
23	Janela de correr 1,20x1,00m em duas folhas em perfil de chapa de METALON dobrada nº 2	m²	146,00
24	lavatório louça branca sem coluna	unidade	59,00
25	Pedra brita nº 1	m³	87,50
26	Pia de cozinha	unidade	124,25
27	Placa cerâmica (azulejo) 20 x 20 cm PEI II, cor clara.	m²	25,65
28	Placa de gesso 60 x 20 cm.	unidade	13,80
29	Porta Interna semi-oca para pintura 0,60x 2,10 cm	unidade	75,00
30	Registro de pressão 1/2" (Apenas a base)	unidade	33,90
31	Sifão Pia	unidade	8,00
32	Sifão Tanque	unidade	8,00
33	Tampo (bancada) de mármore branco 2,00 x 0,60 x 0,02 cm	unidade	350,00
34	Tanque de mármore sintético	50L	207,95
35	Telha ondulada de fibrocimento 5 mm 2,44x1,10 m	m²	38,25
36	Tinta Latex PVA	18 l	179,90
37	Torneira p/ banheiro padrão, 1/2"	unidade	39,00
38	Torneira p/ pia padrão, 1/2"	unidade	39,50
39	Torneira p/ tanque padrão, 1/2"	unidade	35,00
40	Tubo de PVC rígido reforçado p/ esgoto 150 mm	6 m	138,00
41	Tubo PVC 40 mm para caixa sifonada	unidade	18,00
42	Tubo PVC Água Fria 20mm SOLDÁVEL	6 m	11,43
43	Vidro liso transparente 4 mm colocado c/ massa.	m²	72,50
	TOTAL		
	Mão de obra		
26	Pedreiro	hora	17,20
27	Servente	hora	11,88
	Despesas administrativas		
28	Engenheiro	hora	48,05
	Equipamentos		
29	Locação de betoneira 320 l	dia	7,00

Evolução mensal do preço do material de construção, mais relevantes, no custo unitário da construção - CUC/m², do Projeto do CEEA:

Belo Horizonte -Evolução mensal do preço do material de construção, mão-de-obra e aluguel de equipamento - 2015/2016 - R\$1,00							
2015/2016							
ITEM	MATERIAL	UNIDADE	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
1	Aço CA-50 Ø 10 mm (3/8)	barra 12 m	35,00	35,00	34,00		
2	Areia Média	m ³	85,00	85,00	85,00		
3	Bacia sanitária branca com caixa acoplada	unidade	228,00	228,00	227,00		
4	Bloco cerâmico para alvenaria (tijolo 8 furos) 9x19x29 cm	unidade	0,65	0,65	0,64		
5	Bloco de concreto sem função estrutural 19x19x39 cm (0,20)	unidade	2,25	2,25	2,22		
6	Caibro	unidade	8,23	8,23	7,50		
7	Caixa d'água, 500L	unidade	204,75	204,75	199,50		
8	Caixa de inspeção para gordura	m	86,90	86,90	79,95		
9	Caixa de Luz (4x2)	m	1,50	1,50	1,00		
10	Caixa de Luz (4x4)	m	2,50	2,50	2,13		
11	Caixa de passagem de pvc	unidade	76,50	76,50	78,50		
12	Chapa compensado resinado 17 mm 2,20 x 1,10m	m ²	37,57	37,57	27,62		
13	Chuveiro (maxiducha)	unidade	41,25	41,25	42,60		
14	Cimento CP-32 II	saco 50 kg	22,70	22,70	20,45		
15	Concreto fck= 25 Mpa abatimento 5 + 1 cm, brita 1 e 2 pré-dosado	m ³	261,10	261,10	280,00		
16	Conduíte 1/2"	unidade	1,30	1,30	0,62		
17	Disjuntor tripolar 70 A	unidade	71,50	71,50	74,48		
18	Emulsão asfáltica impermeabilizante - para laje (FRIO ASFALTO)	20 kg	100,00	100,00	145,95		
19	Esquadria de correr 2,00 x 1,20 m, em 4 folhas (2 de correr), em alu	m ²	195,00	195,00	374,50		
20	Fechadura para porta interna, tipo IV (55 mm), em ferro, acabamento	unidade	35,00	35,00	38,00		
21	Fio de Cobre anti- chama, isolamento 750, # 2,5 mm ²	100 m	115,60	115,60	105,00		
22	Impermeabilizante para fundação	Kg	75,80	75,80	59,90		
23	Janela de correr 1,20x1,00m em 2 folhas em perfil de chapa de MET	m ²	154,90	154,90	146,00		
24	lavatório louça branca sem coluna	unidade	66,00	66,00	59,00		
25	Pedra brita nº 1	m ³	89,98	89,98	87,50		
26	Pia de cozinha	unidade	135,90	135,90	124,25		
27	Placa cerâmica (azulejo) 20 x 20 cm PEI II, cor clara.	m ²	20,00	20,00	25,65		
28	Placa de gesso 60 x 20 cm.	unidade	27,50	27,50	13,80		
29	Porta Interna semi-oca para pintura 0,60x 2,10 cm	unidade	84,93	84,93	75,00		
30	Registro de pressão 1/2" (Apenas a base)	unidade	43,35	43,35	33,90		
31	Sifão Pia	unidade	7,70	7,70	8,00		
32	Sifão Tanque	unidade	7,70	7,70	8,00		
33	Tampo (bancada) de mármore branco 2,00 x 0,60 x 0,02 cm	unidade	489,45	489,45	350,00		
34	Tanque de mármore sintético	500L	312,50	312,50	207,95		
35	Telha ondulada de fibrocimento 5 mm 2,44x1,10 m	m ²	36,00	36,00	38,25		
36	Tinta Latex PVA	18 l	173,00	173,00	179,90		
37	Torneira p/ banheiro padrão, 1/2"	unidade	65,00	65,00	39,00		
38	Torneira p/ pia padrão, 1/2"	unidade	45,50	45,50	39,50		
39	Torneira p/ tanque padrão, 1/2"	unidade	21,00	21,00	35,00		
40	Tubo de PVC rígido reforçado p/ esgoto 150 mm	6 m	151,10	151,10	138,00		
41	Tubo PVC 40 mm para caixa sifonada	unidade	23,40	23,40	18,00		
42	Tubo PVC Água Fria 20mm SOLDÁVEL	6 m	14,85	14,85	11,43		
43	Vidro liso transparente 4 mm colocado c/ massa.	m ²	79,36	79,36	72,50		
MÃO DE OBRA							
1	Pedreiro	h	17,2	17,2	17,2		
2	Servente	h	11,26	11,26	11,88		
DESPESAS ADMINISTRATIVAS							
1	Engenheiro	h	50,9	50,9	48,05		
EQUIPAMENTOS							
1	Locação de betoneira 320 l	Dia	6,5	6,5	7,00		

Comportamento dos preços do material de construção em Belo Horizonte



BELO HORIZONTE - CUSTO CEEA DA CONSTRUÇÃO, CONSIDERANDO A NORMA ABNT NBR 12721:200

O CEEA produz o custo da construção em Belo Horizonte considerando a norma ABNT NBR 12721-200. Esta Norma estabelece os critérios para avaliação de custos unitários, cálculo do rateio de construção e outras disposições correlatas, conforme as disposições fixadas e as exigências estabelecidas na Lei Federal 4.591/64. **Para tanto, foi escolhido o seguinte padrão: Lotes básicos - Projetos-padrão residenciais – Baixo – H1.** Ali estão fornecidas as quantidades de insumos, por metro quadrado de construção, derivados das relações completas de materiais, mão-de-obra, despesas administrativas e equipamentos, levantadas a partir das quantidades dos serviços considerados na formação do custo unitário básico desse projetos-padrão. Estas quantidades dos insumos foram extraídas do agrupamento de todos os insumos em famílias cujos itens são correlatos. Para o cálculo dos custos da construção civil em Belo Horizonte toma-se os preços no varejo de materiais de construção e os salários pagos na construção civil para o setor habitação. Tem como unidade de coleta os fornecedores de materiais (depósitos de material de construção) e empresas construtoras do setor.

O custo CEEA da construção, por metro quadrado (m²), segundo a Norma, em fevereiro, fechou em R\$1.560,39, sendo R\$908,75 relativos a parcela de materiais e R\$ 651,64 à mão de obra.

BELO HORIZONTE - ESTRUTURA DE CUSTOS E GASTOS DA CONSTRUÇÃO, SEGUNDO ETAPAS DA OBRA, DE ACORDO COM O PROJETO CEEA

A estrutura de custos e gastos da construção em Belo Horizonte calculado pelo CEEA, é uma estimativa parcial para o valor de m² de construção, refletindo a variação mensal dos custos de construção imobiliária com materiais, equipamentos e mão de obra de projeto-padrão específico, desenvolvido pelo CEEA. Para o **PROJETO DO CEEA**, baseado no projeto-padrão da NBR 12721, foi elaborado um orçamento analítico, que contempla uma cesta de materiais, mão de obra, equipamento e despesa administrativa. Na formação do custo não são considerados os seguintes itens: terreno, fundações especiais; - elevadores; - instalações de ar condicionado, calefação, telefone interno, fogões, aquecedores, “playgrounds”, de equipamento de garagem, etc.; - obras complementares de terraplanagem, urbanização, recreação, ajardinamento, ligações de serviços públicos, etc.; - despesas com instalação, funcionamento e regularização do condomínio, além de outros serviços especiais; - impostos e taxas; projeto, incluindo despesas com honorários profissionais e material de desenho, cópias, etc.; - remuneração da construtora; - remuneração do incorporador.

Para o cálculo dos custos da construção civil em Belo Horizonte toma-se os preços no varejo de materiais de construção e os salários pagos na construção civil para o setor habitação. Tem como unidade de coleta os fornecedores de materiais (depósitos de material de construção) e empresas construtoras do setor.

ESTRUTURA DE CUSTOS E GASTOS DA CONSTRUÇÃO, SEGUNDO ETAPAS DA OBRA, DO PROJETO CEEA, EM VALOR PERCENTUAL

Centro de economia e estatística aplicada - CEEA			
Estrutura de custos e gastos material - Fevereiro 2016			
Serviços	% acumulado		
Infraestrutura		7,77	
Estrutura		31,44	
Acabamento		60,79	
Total		100,00	
	Etapas de serviço	% acumulado	
Infraestrutura	Fundação	7,77	
	Estrutura	16,49	
Acabamento	Laje	5,17	
	Telhado	9,78	
	Revestimento paredes	10,99	
	Piso	5,62	
	Esquadrias	6,12	
	Pinturas	9,26	
	Vidros	1,28	
	Louças	5,86	
	Instalações	8,29	
	Muros	12,00	
	Calçadas	1,37	
	Total		100,00

BRASIL - PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS, DE MERCADO E COTAÇÕES

commodities

Ouro		US\$ 1.256,16
Prata		US\$ 15,34
Paládio		US\$ 562,40
Platina		US\$ 980,00
Petróleo WTI	+1,07%	US\$ 95,25
Petróleo Brent	0,00%	US\$ 34,06

moedas

Moeda	Compra (R\$)	Venda (R\$)
Dólar Comercial	3,6967	3,6977
Euro	4,0719	4,0743
Libra	5,2595	5,2632
Peso Argentino	0,2406	0,2410

juros e poupança

Índice	Variação (%)
Selic (ano)	14,25%
CDI (ano)	10,80%
TJLP - Taxa de juros de longo prazo (trimestre)	7,50%
TR - Taxa referencial (mês)	0,2100%
Poupança (mês)	25,000%

inflação

Índice	Valor (%)
IBGE IPCA Month	0,90%
INPC IBGE (mês)	54,00%
BR IPC-Fipe Infl	FIPE
IPC-DI FGV (mês)	0,24%
IGP-DI FGV (mês)	1,10%
IGP-M FGV (mês)	0,77%
IPA-DI FGV (ano)	-4,08%
ICV Dieese (mês)	0,93%

INSS

SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO	ALÍQUOTA
*Salario Minimo RJ	729.58
Salario Minimo	880.00
Base Mensal 1499,16 a 2246,75 - Alqt (7,5)	134.08
Base Mensal 2246,76 a 2995,70 - Alqt (15)	335.03
Base Mensal 2995,71 a 3743,19 - Alqt (22,5)	602.96
Base Mensal Acima de 3.743,19 - Alqt (27,5)	826.15
Tab Contrib ate 1106.90	8,00
Tab Contrib 1106.91 a 1844.83	9,00
Tab Contrib 1844.84 a 3689.66	11,00

IMPOSTO DE RENDA

DESCRIÇÃO	VALOR
Base Mensal 1499,16 a 2246,75 - Alqt (7,5)	134.08
Base Mensal 2246,76 a 2995,70 - Alqt (15)	335.03
Base Mensal 2995,71 a 3743,19 - Alqt (22,5)	602.96
Base Mensal Acima de 3.743,19 - Alqt (27,5)	826.15
Salario Minimo	880.00